

YouTube como espaço de construção da memória em rede: possibilidades e desafios

YouTube as a space for the construction of networked memories: opportunities and challenges

PAULA REGINA PUHL

Professora do Mestrado Interdisciplinar em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale.

<ppuhl@feevale.br>

WILLIAN FERNANDES ARAÚJO

Mestrando em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale.

<contato@willianaraujo.com>

RESUMO

O artigo tem o objetivo de estudar o YouTube como ferramenta de construção da memória coletiva no suporte digital. Para o conceito de memória coletiva utilizamos Halbwachs (1990) em articulação com Pollak (1989) e Santos (2003). Essas ideias são o ponto de partida para discutir a memória nos suportes digitais, a partir de autores como Rosnay (2006) e Casalegno (2006), entre outros autores que fomentam a investigação sobre a influência das novas mídias na memória coletiva. Foi feita uma análise do YouTube, organizada em cinco categorias: *armazenamento/postagem; categorização/tags; compartilhamento; mecanismos de interação e ferramentas de sugestão do sistema*. A análise constatou que a memória coletiva em rede é construída tanto pela ação do sistema, quanto pela ação do usuário, possibilitando assim um fluxo entre as manifestações individuais e coletivas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Novas mídias; YouTube; Internet.

ABSTRACT

This article aims to study YouTube as a tool for construction of collective memory in digital form. For the concept of collective memory we use Halbwachs (1990) in conjunction with Pollak (1989) and Santos (2003). Such ideas are the starting point to discuss the memory in digital media from authors as Rosnay (2006) and Casalegno (2006) among other authors who promote research on the influence of new media in the collective memory. An analysis of YouTube was organized into five categories: *store/post; categorization/tags; sharing; interaction mechanisms; and tools of suggestion by the system*. The analysis found that the collective memory network is constructed by both the action of the system and by user action, allowing constant flow between the individual and collective manifestations.

KEYWORDS: Memory; New media; YouTube; Internet.

A memória e os processos sociais

Os processos sociais atingem um estágio acelerado de mudança e expansão em escala mundial da tecnologia mais revolucionária do século XX: a internet. Com ela, processos característicos da pós-modernidade apontados por Hall (2006), como o enfraquecimento das identidades locais e o declínio da concepção de nação, ou a criação de signos desterritorializados para Ortiz (2007), potencializam-se, transformando as práticas sociais, agora imersas em um ambiente midiático acessível.

Nesse contexto, compreendemos a internet como um objeto de pesquisa e, por isso, o presente artigo pretende estudar o YouTube como ferramenta de construção da memória coletiva no suporte digital. A trajetória proposta é considerar o site YouTube, como sistema cultural intermediado, conforme conceituado por Burgess e Green (2009). Logo em seguida, serão resgatados os conceitos de Halbwachs (1990) sobre a memória coletiva, baseados em seus estudos empíricos do começo do século XX, que serão acrescentados pela crítica dos autores Santos (2003) e Pollak (1989). Também serão abordadas recentes pesquisas sobre o tema da memória em rede, como os de memória implícita e explícita, de Rosnay (2006), e a abordagem ecológica da memória, de Casalegno (2006). E, para complementar essas ideias junto ao objeto de estudo, utilizaremos Aquino (2008) para comentar a influência das novas mídias na memória coletiva. A análise será focada em cinco categorias de ferramentas do YouTube: armazenamento/postagem; categorização/*tags*; compartilhamento; mecanismos de interação; e ferramentas de sugestão do sistema.

Memória coletiva: práticas sociais × memórias individuais

Halbwachs (1990) defende a memória como um constructo social, colocando as estruturas sociais como elemento formador da memória individual, ou seja, é impossível evocarmos lembranças sem levar em consideração o quadro social no qual

estamos inseridos. Assim, só lembramo-nos do passado se ele estiver de acordo com as construções sociais do presente. Para Halbwachs (1990), a memória não é individual, ela é o fruto das interações dos indivíduos em sociedade, considerando que suas escolhas individuais são pensadas a partir dos quadros estáveis que o mundo lhe oferece. Como afirma Santos (2003), o esforço de Halbwachs em priorizar os quadros sociais mostra seu posicionamento contra a visão vigente de seu tempo, que colocava a memória como fenômeno individual e subjetivo. Esta é a sua principal contribuição, mas também pode ser um dos limites de sua obra.

A memória coletiva, segundo Halbwachs (1990), é construída através da negociação entre os diversos indivíduos de um grupo. Essa memória de grupo é fundamental na concepção de comunidade, tornando indissociáveis os conceitos de memória coletiva e identidade. Ao responder os questionamentos sobre as ações ocorridas na ausência de um outro, ou seja, no momento onde apenas há a individualidade, Halbwachs (1990) considera que sempre o indivíduo está enclausurado na sociedade e que acaba por orientar seus atos pela natureza social.

A teoria da memória coletiva de Halbwachs (1990) consegue conceber a experiência individual, o momento vivenciado sensorialmente e, talvez, não compartilhado com o grupo social. Ele inclusive chama o conjunto de tais lembranças de intuição sensível. Entretanto, a compreensão proposta pelo autor é que mesmo estas lembranças são recobertas dos quadros sociais.

Para Halbwachs (1990) a memória individual representaria apenas um ponto de vista sobre a memória coletiva do grupo social no qual o indivíduo está inserido, ou seja, seria um olhar sobre o todo de lembranças da memória coletiva, mutável de acordo com o ângulo pelo qual o indivíduo observa. Assim, os indivíduos utilizam imagens do passado por serem membros de grupos sociais, e usam convenções sociais que não são criadas exatamente por eles. Então, o eu sempre necessita do outro para

lembrar ou debater sobre suas memórias. Ao refletir sobre o esquecimento, o autor mais uma vez reafirma que a sua base também está na importância da estrutura social da memória. Para ele, quando um indivíduo perde uma lembrança, significa que já há muito não compartilhava com o grupo que sustentava tal lembrança (Halbwachs, 1990).

A compreensão da construção das memórias coletivas também é um ponto fundamental na obra de Halbwachs (1990). Para ele, os quadros coletivos da memória não são apenas datas ou nomes (dados relativos à memória histórica), mas sim correntes de pensamento e experiência que estão sempre em deliberação dentro do grupo social. Desta forma, sobre o passado, Halbwachs (1990) afirma que se trata de uma construção e reconstrução social sempre do presente. Ou seja, é na disputa pela reconstrução da memória coletiva que podemos reencontrar nosso passado, que, segundo Halbwachs (1990), é atravessado por estas disputas. O passado que existe é apenas aquele que é reconstruído continuamente no presente.

Já Michael Pollak (1989), discípulo de Halbwachs, considera as memórias pessoais a partir de dois olhares: o primeiro é que a memória é formada pelos acontecimentos vividos pessoalmente, em segundo são os acontecimentos “vividos por tabela”, vivências do grupo ao qual o indivíduo pertence. Pollak (1989) afirma que além desses acontecimentos, a memória também é formada por pessoas e personagens, que podem ter sido conhecidos ou, como afirma o autor, conhecidos “por tabela”.

Pollak (1989) considera a memória como uma construção seletiva e diz que sua organização está de acordo com as preocupações pessoais e políticas do presente. Essa afirmação vai ao encontro do que é referido na obra de Halbwachs (1990), na qual a memória é uma construção sempre em disputa. Já sobre a memória herdada, Pollak (1989, p. 4) relaciona esse fenômeno com a construção do sentimento de identidade de um grupo, “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física

da pessoa [...] também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”.

Pollak (1989) salienta que, quando a memória e a identidade de um grupo estão consolidadas, os questionamentos externos não causam influências. Assim, Pollak (1989) afirma que a memória coletiva é seletiva e formada em negociação entre as memórias individuais dos participantes de um grupo.

Após problematizar as principais definições gerais do conceito de memória coletiva a partir da obra de Halbwachs (1990), serão apresentadas a seguir as definições de memória no ambiente de rede, a fim de se atingir os objetivos propostos por esse artigo.

A memória no ambiente digital: possibilidades

A memória dos grupos sociais humanos está submetida às possibilidades técnicas de armazenamento de informação. Mesmo nas sociedades orais, pré-escrita, a construção da sociabilidade e do armazenamento do conhecimento se dá pela tecnologia disponível, no caso, a oralidade e a memória natural humana. Dessa maneira, como afirma Lévy (2008), é possível considerar que, no contexto das sociedades baseadas na oralidade primária¹, a linguagem era o instrumento de memória e de propagação das representações. Assim, o que não for repetido desaparece. O autor também busca respostas sobre a memória humana na psicologia cognitiva. Dessa maneira, Lévy (2008) aponta a memória humana como um equipamento não confiável no armazenamento e recuperação fiel de informações.

Ao refletir sobre as tecnologias da inteligência, Lévy (2008) faz questionamentos sobre a temporalidade social e os modos de conhecimento que emergem com a informática. Ao partir da oralidade até as centenas de exabytes² de informações produzidas e armazenadas pela humanidade até hoje, Lévy (2008) considera que a

linguagem e a técnica contribuem para produção e modulação do tempo. Ou seja, quando novas tecnologias intelectuais surgem, acabam servindo como travas de irreversibilidade que “obrigam o tempo a passar em apenas um sentido; produzem história, ou melhor, várias histórias com ritmos diversos” (Lévy, 2008, p. 76).

Para Maldonado (2007), com o surgimento da escrita, por insatisfação com os recursos da oralidade, as sociedades passam a novas lógicas do conhecimento e sociabilidade. Para este autor (2007, p. 56) o “sistema gráfico de notação, no contexto particular de uma comunidade linguística, se emprega como instrumento de interação comunicativa, de produção (e criação) cultural e, não menos importante, de memória individual e coletiva”. Lévy (2008) complementa que, com a escrita, o Estado comanda os homens e os signos, implementando leis e regulamentos.

Dessa maneira, da escrita até a expansão da informática, as tecnologias da inteligência alteram-se cada vez mais, privilegiando a memória objetivada, disponível em dispositivos automáticos e separada dos corpos dos indivíduos ou de hábitos coletivos. Neste contexto, Lévy (2008) considera que a memória tradicional perde suas características em duplo processo: crescimento desenfreado das modificações técnicas e flexibilização do conhecimento, possibilitando mobilizá-lo e compartilhá-lo através das redes. Assim, Lévy (2008) atribui como características do que chama de terceiro polo do espírito, o polo informático-midiático: velocidade pura sem horizontes, eficácia, pertinência local, mudança e novidade.

Sobre a memória social neste contexto, Lévy (2008, p. 127) a considera em permanente transformação “quase que totalmente objetivada em dispositivos técnicos: declínio da verdade e da crítica”. Este declínio da verdade apontado por Lévy (2008) se refere à capacidade do modelo digital. Segundo o autor, o modelo digital não será avaliado como verdadeiro ou falso, mas como mais ou menos eficaz para determinado objetivo, com facilidade de simulação, velocidade de realização, modificação e compa-

tibilidade com outros programas. Segundo Lévy (2008), não se critica, corrigem-se os erros.

Rosnay, em diálogo com Casalegno, no livro *Memória Cotidiana* (2006), aponta dois tipos de memória digital: a memória explícita e a implícita. A primeira refere-se aos dados estocados em bases de dados digitais e que necessita de sistemas de busca, os buscadores. Este seria o caso da internet como um todo, pois, é possível esquecer-se de um conteúdo e reencontrá-lo posteriormente com a ajuda dos buscadores. Já a implícita, que recebe maior atenção de Rosnay (2006), é a memória que se “autoconstrói”, a que, através de processo ecossistêmico, estabelece relação entre os conteúdos da memória explícita. Para isso, Rosnay (2006) usa como exemplo os *links* estabelecidos na internet, que interligam conteúdos, os caminhos, atalhos: “Trata-se da memória referencial, implícita, ecossistêmica de certo tipo (relewa do que se poderia chamar de um ecossistema informacional) – e isso eu acho apaixonante” (Rosnay, 2006, p. 42). Podemos compreender os dois tipos de memória apontados por Rosnay (2006) como complementares.

No contexto da internet, com a diversidade de conteúdos cada vez maior e sempre em mutação (memória explícita), necessitamos dos mecanismos de buscas para encontrar determinado conteúdo. Entretanto, quanto mais este conteúdo estiver interconectado (memória implícita) com outros, mais ele será visível a estes buscadores, ou seja, será encontrado mais facilmente. Esta lógica, inclusive, é apontada por Lévy (2008) como fator determinante na memória humana de longo prazo: “Quanto mais conexões o item a ser lembrado possui com outros nós da rede, maior será o número de caminhos associativos possíveis para a propagação ativa no momento em que a lembrança for procurada” (Lévy, 2008, p. 80).

Rosnay (2006) acredita que a velocidade na comunicação e do fluxo de informação pode conformar e reforçar a memória das comunidades. Entretanto, o autor admite

que tal velocidade, quando mal dominada, pode privilegiar a superficialidade. O autor também considera que a internet tem características que favorecem a memória coletiva digital.

“

O melhor sistema de comunicação seria o mais acessível, o menos caro e o mais imediato. Um sistema como a Internet possui três dessas qualidades [...] Um bom sistema é, em primeiro lugar, um sistema que coloca as pessoas uma diante das outras. Em seguida, ele deve permitir a intercomutabilidade [...] a possibilidade de se poder passar de uma coisa a outra por meio de um simples click.”

(Rosnay, 2006, p. 47)

Casalegno (2006) considera que assistimos a uma redefinição das noções de memória, comunicação e comunidade pelo desenvolvimento acelerado dos sistemas de telecomunicação. A mudança do acesso e do armazenamento de informações, para Casalegno (2006), modifica nossa relação com o saber e a memória. Dessa maneira, levando em consideração a experiência vivida dos usuários, o autor “propõe uma abordagem ecológica da memória, inspirando-nos na definição clássica do termo ecologia: o estudo das relações entre os seres vivos e o ambiente no qual eles vivem” (Casalegno, 2006, p. 20). Segundo o autor, esta visão permite que cada membro da comunidade seja percebido como criador de mitos, de narrar e de nutrir a memória coletiva. Este enfoque compreende a memória como algo vivo e pessoal, pela via das estratégias de acesso e de forma coletiva (Casalegno, 2006).

Assim, Casalegno (2006) compreende o ciberespaço³ como uma matriz subjacente às estruturas sociais, onde é possível construir linhas de conhecimento e sociabilidade com outros usuários formando tribos, mas sem perder a correspondência com o tempo físico e social. Ele considera que a estrutura da internet se torna um substrato funcional das agregações sociais, possibilitando que a tecnologia permita o surgimento de laços sociais baseados nos conteúdos, memórias digitais. Ao analisar as influências desse contexto nas relações sociais possibilitadas pela rede, Casalegno (2006) faz uma diferenciação importante entre tribos e comunidades:

“

As novas tecnologias permitem, ao mesmo tempo, a formação de “comunidade”, isto é, de agregações estruturadas entre os indivíduos com as estruturas hierárquicas e instrumentais, tanto quanto a cristalização de “tribos”, ou seja, formas de associação efêmeras, transversais e empáticas, entre pessoas que exercem papéis no teatro da existência cotidiana.”

(Casalegno, 2006, p. 28)

Aquino (2008), por sua vez, ao analisar a memória coletiva no suporte digital⁴, afirma que essa é potencializada pela distribuição de ferramentas de participação, ampliando o número de usuários em escala global. A autora utiliza em sua análise a ação do usuário como expoente da folksonomia, ou como a própria define, “a folksonomia ocorre através da atividade de seus usuários, que ficam livres para representar e recuperar dados com base no senso comum” (Aquino, 2008, p. 307).

Quando os usuários categorizam os conteúdos, empregam o seu significado, buscando relacionar dados com signos. Tal técnica pode ser uma alternativa aos mecanismos onde a determinação do funcionamento se dá exclusivamente pela empresa que o produz, como no caso do Google, essa ação de “nomear” os conteúdos seria uma alternativa construída pela memória dos usuários.

Na análise feita por Aquino (2008) no site de compartilhamento de fotos Flickr e no site de compartilhamento de *links* del.icio.us, a autora notou que existe interação entre os usuários não apenas pelo contato dialógico⁵, mas pela atividade hipertextual de categorização do conteúdo, interagindo com o sistema e potencializando a memória coletiva.

Sendo assim, Aquino (2008) considera a memória coletiva em suporte digital como um conjunto dinâmico de informações que se modifica a cada nova categorização realizada pelos usuários, possibilitada pela multiplicidade de atividades hipertextuais. Essas constatações fazem com que Aquino (2008) acredite que as ferramentas analisadas tenham potencializado a capacidade da memória coletiva dos usuários.

Seguindo os estudos da memória nos meios digitais, iremos apresentar e analisar o YouTube, conhecido como um site simples para a publicação de vídeos de usuários. Em 2006, a pequena empresa foi comprada pelo o Google, passando a integrar os serviços oferecidos pela empresa, fato que também trouxe mais acessos.

YouTube: transmita-se, compartilhe, seja o meio

O YouTube é um site de armazenamento em rede e de compartilhamento de vídeos. Surgido em 2005, através da iniciativa de jovens empreendedores americanos, o site atendeu uma demanda até então reprimida na internet. Em seu surgimento, de acordo com Burgess e Grenn (2009), o YouTube apresentava-se como “repositório de vídeos do usuário”, sugerindo o compartilhamento de produções pessoais como principal

uso. Atualmente, o slogan do site é “*broadcast yourself*”, ou seja, algo como “transmita-se”, demonstrando a mudança de uma plataforma de armazenamento para uma ferramenta de expressão pessoal. Apesar de ter a proposta de ser uma ferramenta voltada ao usuário comum, o YouTube compreende diversos tipos de participantes, ou seja, usuários que fazem usos distintos da ferramenta, como grandes empresas de mídia, grandes representantes da indústria cinematográfica e fonográfica, empresas que buscam divulgação de seus conteúdos, vídeos caseiros, etc. Dessa maneira, cada participante modela coletivamente o site como um sistema cultural dinâmico, que, a partir de uma possibilidade técnica, torna-se um artefato da cultura participativa.

Burgess e Green (2009) fazem uma observação do YouTube como um sistema cultural intermediado. Segundo os autores, a plataforma representa uma ruptura com os modelos já existentes, consagrando um novo ambiente midiático, onde novos modelos de negócio e ferramentas de produção reconfiguram relações antes inimaginadas entre mídia alternativa e mídia comercial de massa. Apesar de verdadeira, a assertiva não está restrita apenas ao YouTube⁶.

Neste contexto, os autores consideram que emerge um sistema híbrido da produção popular, onde coexistem produções amadoras com o consumo criativo dos produtos culturais da mídia de massa:

“

Do ponto de vista da audiência, é uma plataforma que fornece acesso à cultura ou uma plataforma que permite aos seus consumidores atuar como produtores? Essa amplitude é a fonte da diversidade e alcance do YouTube, assim como a causa de muitos choques entre o controle top-down e a emergência bottom-up que produz sua política.”

(Burgess; Green, 2009, p. 32)

Essa percepção, focada nas utilizações da ferramenta, vai ao encontro da perspectiva de reconfiguração, característica do que se entende por pós-moderno e integrante da cibercultura⁷. Porém, este entendimento vai contra a ideia utópica de que em uma rede de iguais, na qual cada usuário tem poder sobre si e não sobre o outro⁸, cria-se um ambiente propício ao renascimento da cultura folclórica.

Para o presente estudo, acreditamos ser pertinente uma análise baseada nos principais recursos oferecidos ao usuário médio do YouTube, ou seja, buscamos fazer uma sistematização das principais potencialidades do YouTube como ferramenta de memória em rede. Assim, após observar as formas de uso do site, escolhemos sistematizá-las em cinco grandes categorias de funcionalidades: *armazenamento/postagem; categorização/tags; compartilhamento; mecanismos de interação; e ferramentas de sugestão do sistema*⁹.

O *armazenamento* é primeira característica do YouTube como ferramenta inovadora das novas mídias. Referimo-nos a capacidade praticamente ilimitada de armazenamento de vídeos. Como citado anteriormente, além da própria capacidade de armazenamento, destaca-se a facilidade com que se pode veicular um vídeo através do YouTube, sendo esse um dos fatores chave para que esta ferramenta se consolidar como principal plataforma de compartilhamentos de vídeo. Esta característica refere-se à construção da memória explícita (Rosnay, 2006), ou seja, o imenso banco de dados alimentado e modificado pelos milhões de usuários da ferramenta.

Como lembra Rosnay (2006), toda memória explícita necessita de ligações implícitas que conectarão os conteúdos em rede, dando sentido às memórias. A *categorização dos vídeos* é um dos mecanismos de construção da memória implícita no YouTube. Recorrendo às definições de Halbwachs (1990), podemos considerar que a categorização expressa aspectos do quadro social no qual o indivíduo está inserido. Tecnicamente, a categorização representa o mesmo que a folksonomia, como vimos anteriormente

nos escritos de Aquino (2008). Ou seja, o usuário atribui o sentido ao seu conteúdo vinculando palavras-chave que poderão ligar seu vídeo a outros de mesmo teor e que ajudarão o sistema de busca. Sá (2009), ao estudar o sistema de categorização das plataformas musicais em rede, considera que a interatividade entre usuário e sistema técnico pode ser vista como “uma atividade de delegação, quando o sistema pede ajuda aos humanos não só para classificar melhor, como também para recriar a experiência das subculturas de gosto através das redes sociais online” (Sá, 2009, p. 16). A autora ainda considera que ao abrir tal possibilidade ao usuário, cria-se um espaço de sociabilidade e disputa simbólica dos grupos sociais.

As *ferramentas de compartilhamento* dos vídeos do YouTube representam mais um aspecto técnico fundamental na estrutura midiática da ferramenta. Consideramos nesta categoria os *links* diretos (ou *permalinks*), que direcionam o usuário a um determinado vídeo, e os códigos de incorporação, que permitem que usuários com mínimo de conhecimento possam veicular vídeos do YouTube em plataformas sociais como blogs e perfis em sites de redes sociais. Estas possibilidades fazem com que os conteúdos dispostos no YouTube transcendam a ferramenta, levando a outros contextos da rede os conteúdos armazenados no site. As características das ferramentas de compartilhamento reforçam a ideia de interconexão entre as plataformas em rede, deixando nas mãos do usuário, das tribos, das comunidades, dos grupos sociais, a convergência dos conteúdos dispostos na internet e com relevância ao grupo, como cita Casalegno (2006).

Com as ferramentas de compartilhamento bem utilizadas pelo YouTube, não se torna necessário que a sociabilidade entre os usuários se dê, necessariamente, pela plataforma. Dessa maneira, os *mecanismos de interação* não têm grande destaque no site. Inserimos nesta categoria as formas de interação por comentários, inscrições nos canais e mecanismos de julgamento de conteúdo, como o botão de “gostar”. Ao manifestar

suas preferências, os usuários acabam por colaborar com a memória coletiva já que partem do “gosto” individual para se expressar para o grupo, iniciando assim uma forma de diálogo com outros usuários.

Por fim, as *ferramentas de sugestão do sistema* representam os aspectos técnicos utilizados para sugestão de vídeos relacionados, mais vistos, que possam interessar ao usuário. Quando assistimos a um vídeo no YouTube, ao lado direito do espaço de exibição, outros vídeos, supostamente relacionados ao que assistimos, são sugeridos pelo sistema. Isto ocorre também na página inicial do site, onde são sugeridos conteúdos de acordo com critérios diversos. Sá (2009) lembra que tais ferramentas são possíveis pela utilização de algoritmos que avaliam o conteúdo informado do vídeo para relacioná-lo com outras publicações. Ou seja, a categorização feita pelo usuário é usada como forma de segmentação dos vídeos. Então, o sistema se aproveita das informações do usuário para fazer uma interligação implícita entre os conteúdos. É justamente a intersecção entre categorização (ação do usuário) e ferramentas de sugestão do sistema (ação do meio) que demonstram o caráter de filtro de informação que constatamos no YouTube.

A memória compartilhada em rede: os desafios

O estudo das novas perspectivas da memória diante das ferramentas digitais representa um objeto latente e de complexidade elevada, como diz Casalegno (2006), devido ao desenvolvimento dos sistemas de comunicação, principalmente da internet, ampliando capacidade de armazenamento, criando novas práticas e novos suportes. Essas demandas exigem uma redefinição da noção de memória e, por conseguinte, das noções de comunicação e comunidade.

Apesar de ser evidente a contribuição do YouTube para a construção de uma memória audiovisual em escala global, com suporte na rede, é difícil apontar suas

influências na construção da memória coletiva dos quadros sociais. Porém, acreditamos que a influência das novas ferramentas deva ser analisada em um contexto no qual o ciberespaço seja um tecido conectivo (Casalegno, 2008) tramado junto às relações ditas “reais”.

Com a análise proposta por esse artigo, é possível organizar um quadro para a melhor visualização do cruzamento entre as categorias de funcionalidade do YouTube com alguns estudos sobre a construção da memória, a partir dos principais autores citados.

Categorias de funcionalidade do YouTube	Relação com a Memória em Rede	Autores
1. Armazenamento dos vídeos	Construção da memória explícita que possibilita a modificação do banco de dados pelos milhões de usuários da ferramenta.	Rosnay (2006)
2. Categorização dos vídeos	Construção da memória implícita; expressa o quadro social onde indivíduo está inserido; folksonomia	Rosnay (2006) Halbwachs (1990) Aquino (2008)
3. Ferramentas de compartilhamento de vídeos	A partir dos usuários e dos seus <i>links</i> ou <i>permalinks</i> ocorre a interconexão entre as plataformas em rede. A convergência dos conteúdos e a sua relevância é dada pelos grupos.	Casalegno (2006)
4. Mecanismos de interação	Os grupos podem se unir pela manifestação individual das preferências e julgamentos de conteúdos expostos por comentários e inscrições em canais. A memória individual colabora com a memória coletiva.	Hall (2006) Halbwachs (1990)
5. Ferramentas de sugestão do sistema	A união entre a categorização feita pelo usuário (memória implícita) e as ferramentas do sistema (memória explícita) como filtro de informação.	Sá (2009) Rosnay (2006)

O quadro demonstra que o YouTube proporciona, pelo *armazenamento*, a criação de uma memória explícita audiovisual, volumosa e multifacetada, construída pelos diversos atores sociais que compõem a ferramenta, como apontam Burgess e Green

(2009). Essa prática colabora para uma potencialização da memória coletiva dos usuários pelo YouTube. Entretanto, como afirma Rosnay (2006), o mais interessante está na memória implícita, ou seja, as articulações que este grande banco de dados/vídeos receberá pela participação dos usuários do YouTube e também pelo próprio sistema de recomendação da ferramenta. Já a *categorização dos vídeos* feita pelos usuários configura também uma disputa simbólica e, por colaborar com visibilidade dos conteúdos, emerge a memória implícita. As *ferramentas de compartilhamento*, que levam para fora do YouTube seus conteúdos e os *mecanismos de interação*, ao permitirem a sociabilidade de usuários na ferramenta, também proporcionam a criação das teias que dão sentido aos dados em rede.

Desta maneira, acreditamos que a memória coletiva em rede é um misto inseparável de memória explícita e memória implícita, seguindo os estudos de Rosnay (2006). A compreensão desta articulação com as redes sociais na internet (e fora dela) podem garantir bons indícios das perspectivas sobre a construção da memória coletiva. Dessa maneira, salientamos que o presente trabalho, ao realizar esta reflexão, acaba por apontar mais perguntas pertinentes à pesquisa da memória em rede do que propriamente soluções para este que é um objeto complexo. ●

REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria Clara. A folksonomia como hipertexto potencializador de memória coletiva: um estudo dos links e das tags no de.licio.us e no Flickr. *Liinc em Revista*, v. 4, n. 2, pp. 303-320, 2008.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *You Tube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

CASALEGNO, Federico. *Memória cotidiana: comunidades e comunicação da era das redes*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina Universitária, 2002.

- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008.
- GALLOWAY, Alexander. *Protocol*. How control exists after decentralization. Boston: MIT, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MALDONADO, Tomás. *Memoria e conocimiento*. Sobre los destinos del saber en la perspectiva digital. Barcelona: Gedisa, 2007.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, n. 3, Rio de Janeiro, 1989.
- ROSNAY, Joël de. Memória em rede e intercriatividade. In: CASALEGNO, Federico. *Memória cotidiana: comunidades e comunicação da era das redes*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- SÁ, Simone M. A. Pereira. Se vc gosta de Madonna também vai gostar de Britney! Ou não? Gêneros, gostos e disputas simbólicas nos sistemas de recomendação musical. In: XVIII Encontro Anual da COMPÓS, 2009, Belo Horizonte. *Anais da XVIII COMPÓS*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2009.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

NOTAS

- ¹ Segundo Lévy, oralidade primária “remete ao papel da palavra antes que uma sociedade tenha adotado a escrita, a oralidade secundária está relacionada a um estatuto de palavras que é complementar ao da escrita, tal como conhecemos hoje” (Lévy, 2008, p. 77).
- ² É uma medida de informação equivalente a 1.000.000.000.000.000 Bytes. Em pesquisa recente, cientistas americanos estimaram que a humanidade produziu, entre 1986 e 2007, cerca de 296 exabytes. Informações disponíveis em: <<http://www.tecmundo.com.br/8567-pesquisadores-estimam-a-quantidade-de-informacao-existente-no-mundo.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2012.
- ³ As infinitas conexões, possíveis pela internet, formam um texto vivo e em constante mutação, chamado de ciberespaço. O termo surge na obra de ficção científica *Neuromancer*, de William Gibson. Trata-se da dimensão espaço-temporal, formada pelo conjunto de redes de computadores em todo o planeta. Mais que um fenômeno técnico, é um fenômeno social. André Lemos (2002) conceitua esse espaço de sistemas complexos e auto-organizantes como um ambiente mediático.
- ⁴ Aquino (2008) realizou sua análise no site de compartilhamento de fotos Flickr e no site de compartilhamento de *links* del.icio.us.

- ⁵ Termo aqui usado pela autora, provavelmente, para determinar o diálogo do senso comum, a interação mútua entre usuários das ferramentas.
- ⁶ A relação reconfigurante entre mídias de massa e plataformas alternativas são uma realidade não apenas do YouTube, mas da maioria dos ambientes midiáticos conhecidos como mídias sociais.
- ⁷ A cibercultura, como a aproximação das tecnologias informacionais dos processos culturais, caracteriza-se, segundo Lemos (2002), pela “re-mixagem”, ou remix. Esta característica é baseada nos processos de resignificação presente na cibercultura, intensificado pelos novos meios de comunicação digital, chamados de mídias sociais.
- ⁸ Chama-se de rede distribuída quando cada nó tem poder apenas sobre si, mas não sobre os demais integrantes (Galloway, 2004).
- ⁹ É importante ressaltar que tais categorias utilizadas representam mais um instrumento de análise do que propriamente tipos de ferramentas, visto que, muitas vezes, estas ferramentas poderiam integrar mais de uma categoria.